

AS MULTIFACES DOS SUJEITOS¹

Aryanne Sérgio Queiroz de Oliveira (UERN)²

<http://orcid.org/0000-0001-9804-8958>

Guilherme Paiva de Carvalho (UERN)³

<http://orcid.org/0000-0002-1165-5761>

*“[...]porque o corpo mesmo
está por dentro da pele...”*
(Música ‘Sou Nua’, de Os Novos Baianos)

*“Diga quem é você, me diga
Me fale sobre a sua estrada
Me conte sobre a sua vida
Tire a máscara que cobre o seu rosto
[...]
O importante é ser você
Mesmo que seja estranho, seja você[...]”*
(Música ‘Máscara’, de Pitty)

RESUMO

A constituição da identidade de gênero dos sujeitos é atravessada por vários saberes-poderes científicos e por preconceitos gerados pela cultura e pelos costumes de determinada sociedade. A sociedade heteronormativa acostumou-se com a divisão binária homem/mulher e, na maioria das vezes, concebe quem não se enquadra nesse padrão como algo anormal,

¹ Este trabalho foi parcialmente retirado da pesquisa de mestrado de Aryanne Sérgio Queiroz de Oliveira, intitulada “DA LAGARTA À BORBOLETA: o processo de constituição da identidade e os direitos do sujeito transexual”, a qual fora concluída em março/2017 e orientada pelo Prof. Dr. Guilherme Paiva de Carvalho.

² Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com área de concentração em Ciências Sociais e linha de pesquisa em Dinâmicas e Práticas Sociais, com destaque aos Estudos de Gênero; Mestre pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGCISH/UERN); Graduada em Direito pela Faculdade de Direito (FAD/UERN); Graduanda em História pela UERN; Graduanda em Psicologia pela UniNassau/Mossoró. Atua como técnica-administrativa, lotada atualmente no Departamento de História/UERN e no grupo de pesquisa: História do Nordeste: sociedade e cultura/UERN. Atualmente está vinculada como discente à Diretoria de Edições de Texto da Revista Acadêmica Lampiar (FAD/UERN) e ao grupo de pesquisa Saúde, Gênero, Trabalho e Meio Ambiente (SAGMA/UFRN). E-mail: aryannequeiroz@uern.br.

³ Doutor em Sociologia (UnB, 2009). Mestrado em Filosofia (UnB, 2002). Doutorado Sanduíche na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (UNL). Graduação em Filosofia (UFPI, 1998). Coordenou o Programa Universidade Aberta do Brasil na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, no período de 2009 a 2011. Coordenou o Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2012/2013). É docente permanente do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa Interinstitucional de Pós-graduação em Ensino (POSENSINO/UERN/UFERSA/IFRN), além de colaborador no Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO). E-mail: guimepaivacarvalho@gmail.com.

como uma doença. Desta forma, possui uma visão limitada e não consegue compreender que existe uma diversidade dentro da sexualidade, tanto no que tange à orientação sexual, ao sexo biológico, às identidades de gênero e às performances de gênero. Os sujeitos são multifacetados, possuem *personas* diversas e vivenciam um personagem no cotidiano, muitas vezes para agradarem aos demais e tentarem ser aceitos, porém, não é uma tarefa tão fácil, pois o sistema de valores sociais, morais e jurídicos impulsionam os indivíduos considerados “diferentes” a se adaptarem aos critérios da “normalidade” por ele imposto, para não serem expurgados da sociedade. Para refletir sobre essa questão, este artigo se propôs a realizar um estudo de revisão e análise bibliográfica, buscando mostrar os fatores que estão envolvidos na sexualidade das pessoas e que contribuem para a constituição da identidade de cada ser. Como resultado, percebemos que os sujeitos são diversos e todos os fatores levados em consideração como a identidade de gênero, a orientação sexual, o sexo biológico e a performance de gênero se modificam entre um sujeito e outro, tornando cada indivíduo único em um universo de possibilidades.

Palavras-chave: Sexualidade; Sexo biológico; Orientação sexual; Identidade de gênero; Performance de gênero.

INTRODUÇÃO

No teatro greco-romano, por volta do século V a.C., os atores retratavam personagens através de *personas*, ou seja, máscaras que representavam categorias de pessoas, permanecendo obscurecida a verdadeira personalidade do ator, escondendo e jamais revelando a sua identidade em público.

Na sociedade contemporânea, a utilização de máscaras também é comum, só que muitas vezes de maneira sutil, não sendo mais um objeto em si, mas ferramentas invisíveis que disfarçam algumas atitudes e subjetividades nas inter-relações dos sujeitos. Na vida real, a dissimulação que um indivíduo pode vir a desempenhar é esculpida de acordo com os papéis exercidos pelos outros indivíduos ou por forças normativas que regulam as condutas em todo o meio social. Erving Goffman (1999) afirma que

quando um indivíduo chega à presença de outros, estes geralmente procuram obter informação a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem [...]. A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. (GOFFMAN, 1999, p. 11).

Neste diapasão, o sujeito, tendo a consciência dessa expectativa que se cria ao se deparar com outro ser humano, pode dar origem a um personagem ou ser ele mesmo para prestar as informações que são convenientes no momento. Com suas várias facetas, a pessoa sabe que gerou um tipo de expectativa no outro, ao invés de outra diferente, pois

caso expusesse a sua verdadeira personalidade, tem a ideia de que se tornaria vulnerável diante de outro indivíduo.

Escolher um personagem para evitar essa vulnerabilidade e vivenciá-lo cotidianamente, com o intuito de agradar aos outros, não é tarefa das mais fáceis. Supõe-se que o sujeito almeja interagir em suas diversas relações de maneira plena, sendo ele mesmo, expondo a sua verdadeira identidade para deixar sua marca, sem constrangimentos e sem angústias.

Contudo, o sistema de valores morais e jurídicos, forçosamente, impulsiona o indivíduo tido como 'diferente' a adaptar o seu corpo, a se fantasiar com uma *persona* que se encaixa dentro dos critérios 'normais' impostos, padronizando-o dentro do sistema binário – homem e mulher – para não vir a ser expurgado socialmente.

Os referidos padrões obrigatórios – relacionados à Sexualidade, ao sexo biológico, à performance de gênero, à identidade de gênero e à orientação afetiva-sexual do sujeito – serão aqui trabalhados isoladamente, mais com o intuito de diferenciá-los uns dos outros, para melhor compreensão, do que suprimi-los em conceitos encrustados.

1. SEXUALIDADE

Certamente, em algum instante da vida, o ser humano se depara com a questão: o que é Sexualidade? Este conceito é amplo, envolvendo vários aspectos e sendo trabalhado por diversas ciências, desde a Biologia até a Psicanálise. Não se encontra totalmente lapidado e unificado o entendimento sobre o termo. O que se sabe é que após os estudos psicanalíticos de Sigmund Freud acerca da sexualidade, esta sofreu uma reanálise e um novo olhar se incidiu, abrindo assim o horizonte da palavra.

Antes da Psicanálise Freudiana, a sexualidade dos indivíduos estava única e exclusivamente relacionada com a procriação, sendo esta a função mais relevante da espécie humana. A Sexologia se baseava no conceito de instinto, o qual era tido como algo advindo da natureza, engravado no sujeito desde a sua criação.

Após a abordagem teórica de Freud acerca da sexualidade, a Psicanálise repaginou este conceito, ampliando-o, concedendo um novo sentido, uma nova roupagem. Ocorreu a substituição do conceito de instinto pelo conceito de pulsão, afirmando que este tem um impacto de inquietude constante no indivíduo – desde a infância e durante o decorrer de toda a vida –, enquanto aquele tem picos e declínios, ocorrendo de maneira variável. A sexualidade é, então, aquilo que o corpo realiza em troca com o mundo.

Em relação à pulsão, ela

não dependeria do objeto para existir porque justamente ela é uma força biológica endógena e inata e assim, consequentemente, ela existe anteriormente e independentemente do objeto e contanto que ela possa ser saciada, pouco importa o objeto que será utilizado para a sua satisfação. (MOUAMMAR, 2010, p. 02).

Partindo do princípio pulsional da sexualidade do ser, ela amplia-se por toda a existência do sujeito, iniciando-se, portanto, desde a origem deste até o momento final de sua vida. A pulsão não direciona o seu ímpeto de saciar-se a um objeto em específico, pois o seu objetivo é saciar-se, não importando quem irá satisfazê-la momentaneamente.

No Século XX, Foucault questionou os discursos produzidos pela Psicanálise, que construiu a verdade sobre a sexualidade a partir da confissão dos indivíduos sobre as suas condutas sexuais. No livro *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, o autor revela que deseja se inteirar

sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas. Que caminhos lhe permitem atingir as formas raras ou quase imperceptíveis do desejo, de que maneira o poder penetra e controla o prazer cotidiano. (FOUCAULT, 1988, p. 12).

Nesta perspectiva, o filósofo almeja conhecer as vias que autorizam a interferência do poder-saber na sexualidade dos sujeitos, controlando os seus corpos de modo eficaz, impedindo-os de seguirem as suas próprias pulsões ou os seus impulsos biológicos. Para ele, “a relação de poder passa por nossa carne, nosso corpo, nosso sistema nervoso” e “a psicanálise, tal como é feita atualmente, a tantos cruzeiros por sessão, não dá margem a que se possa dizer: ela é destruição das relações de poder” (FOUCAULT, 2002, p. 151). Conseqüentemente, a sexualidade do indivíduo está à mercê dos poderes discursivos das Ciências, os quais controlam os desejos e os corpos dos sujeitos.

Em relação à origem da sexualidade na vida do sujeito, não se sabe exatamente quando ocorre, porém, especula-se que se inicia a sua definição antes mesmo da gestação, ou seja, na ocasião em que o óvulo é concebido no corpo feminino. Desse instante até a hora de nascer, o ser passa por momentos cruciais de definição biológica, que determinam a estrutura masculina ou feminina (MONEY; TUCKER, 1981). Desse modo, é a partir do instante que acontece a fecundação na mulher que se instaura a sexualidade do ser humano em formação.

Após o ato sexual, a instauração do sêmen masculino no sistema reprodutor feminino e a constatação da fecundidade, frequentemente, gera-se uma expectativa entre o casal heterossexual, o qual aguardará com ansiedade pela revelação do sexo biológico do rebento.

Os pais começam a constituir uma história para a criança, que deve corresponder ao que eles esperam dela no que se refere à sexualidade. Quando nasce menino, é levado a acreditar e a se sentir como homem; porém, caso nasça menina, é direcionada a se sentir mulher. Essa situação refere-se ao psiquismo, à mente, às sensações e aos sentimentos de se perceber como homem ou como mulher (SEIXAS, 1998).

Neste sentido, o sexo biológico é que determinará a sexualidade do infante, assim como o seu modo de pensar e de se sentir, sendo levado a crer que pertence ao sexo masculino ou ao sexo feminino, de acordo com os órgãos genitais concebidos na gravidez da genitora.

A partir do momento em que se confirma a genitália concedida pela natureza ao corpo do nascituro, cria-se todo um arcabouço de significados e características que serão consideradas inerentes e perpétuas. Não se oferecem alternativas, apenas se classificam os caracteres como femininos e masculinos, declarando-os intrínsecos à vagina e ao pênis, respectivamente.

Sob outro prisma, a sexualidade é conceituada pela Organização Mundial da Saúde e pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPS; OMS, 2000). Vejamos:

El término ‘sexualidad’ se refiere a una dimensión fundamental del hecho de ser un ser humano: Basada en el sexo, incluye al género, las identidades de sexo y género, la orientación sexual, el erotismo, la vinculación afectiva y el amor, y la reproducción. Se experimenta o se expresa en forma de pensamientos, fantasías, deseos, creencias, actitudes, valores, actividades, prácticas, roles y relaciones. La sexualidad es el resultado de la interacción de factores biológicos, psicológicos, socioeconómicos, culturales, éticos y religiosos o espirituales. Si bien la sexualidad puede abarcar todos estos aspectos, no es necesario que se experimenten ni se expresen todos. Sin embargo, en resumen, la sexualidad se experimenta y se expresa en todo lo que somos, sentimos, pensamos y hacemos.⁴

Ao vislumbrar a definição supramencionada, é de se destacar que o conceito ora em exame se compõe de um leque de aspectos, perpassando uma diversidade de características que se inserem no sujeito de modo concomitante ou intermitente. Para as referidas Organizações, não se pode desprender cada categoria citada, posto que no sujeito dá-se o resultado da comunicação de todas elas, ora alternando-se, ora somando-se, com o intuito de expressar a sexualidade que lhe aflora.

Desta sorte, o que se aspira compreender é que a sexualidade não possui uma definição cerrada e aplicada a todos os sujeitos, posto que cada um possui a sua sexualidade, além de aspectos relacionados ao meio social e, portanto, à cultura e à formação da psique humana.

2. SEXO BIOLÓGICO

Nos discursos científicos e na cultura, a humanidade é dividida, anatomicamente, entre homem e mulher, desde o nascer de cada indivíduo. O sexo biológico fornecido no corpo do ser humano é concebido como o “divisor de águas” que distingue o sujeito feminino do sujeito masculino.

⁴ O termo “sexualidade” se refere a uma dimensão fundamental do fato de ser um ser humano: baseada no sexo, incluindo o gênero, as identidades de sexo e gênero, a orientação sexual, o erotismo, o vínculo afetivo e o amor, e a reprodução. Se experimenta ou se expressa em forma de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos. A sexualidade é o resultado da interação de fatores biológicos, psicológicos, socioeconômicos, culturais, éticos e religiosos ou espirituais. Embora a sexualidade possa abarcar todos estes aspectos, não é necessário que se experimentem nem se expressem todos. Porém, em resumo, a sexualidade é vivida e expressa em tudo o que somos, sentimos, pensamos e fazemos (tradução nossa).

A premissa mais comum é a de que existem dois destinos que não se confundem, um que deriva dos cromossomos XY na concepção e conduz o sujeito à masculinidade, e o outro dos cromossomos XX na concepção, levando-o à feminilidade (MONEY; TUCKER, 1981). Partindo dessa ideia, as expectativas criadas em torno dos estereótipos macho e fêmea, conseqüentemente, envolverão a criança – ainda em formação intrauterina – para que ela as atenda fielmente.

O corpo de qualquer pessoa, no espaço-tempo em que se constrói na vida intrauterina, já está sendo moldado socialmente pelas regras normativas e pelos ideais de gênero criados. Segundo Ceccarelli (2008), logo após o nascimento ou mesmo antes disto, o bebê é tratado como menino ou menina, consolidando a crença segundo a qual o sexo anatômico designa o gênero masculino ou feminino. Assim, consolidaram-se os referidos estereótipos no pensamento humano, organizando a espécie em separado, bipartindo-a somente em dois modelos diferentes, de acordo com a anatomia de cada um.

Pierre Bourdieu (1999) ratifica esse pensar quando diz que

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros [...]. (BOURDIEU, 1999, p. 20).

Deste modo, a construção do pensar humano acerca do sexo que cada ser possui, baseia-se, sobretudo, na estrutura corporal e nos órgãos sexuais, estes biológica e naturalmente elaborados. Em decorrência do sistema heteronormativo ser fundamentado em dois sexos (especificamente um masculino e um feminino), o mesmo leva as pessoas a crerem que a mulher deve ser alguém que reúna caracteres físicos e emocionais predeterminados, assim como os homens (SAMPAIO; COELHO, 2011). Essas premissas apontam que se o indivíduo não se enquadrar compulsoriamente dentro do esperado pelo referido sistema, terá que pagar caro pela incongruência desenvolvida em si mesmo.

Desse modo, a pessoa intersexual – aquela que nasce com a genitália ou com características sexuais não adaptadas perfeitamente aos estereótipos-padrão – não é bem recepcionada pelo binarismo, tendo que se adequar através de cirurgias, para conseguir o aval do saber-poder médico e vir a ser considerada ‘normal’.

Em razão de seu corpo ter sido formulado biologicamente de maneira que foge ao padrão conhecido como genital masculino (o pênis) ou como genital feminino (a vagina), será exigida do sujeito intersexual a realização de procedimentos cirúrgicos, para corrigir o ‘erro da natureza’.

A Sociedade Intersexo Norte Americana (Intersex Society of North America – ISNA)⁵ define a condição do indivíduo intersexual, quando afirma que a

⁵ INTERSEX SOCIETY OF NORTH AMERICA. How do I know if I have an intersex condition? Disponível em: <http://www.isna.org/faq/conditions/know>. Acesso em: 29.06.2021.

ISNA is working to create a world free of shame, secrecy, and unwanted sexual surgeries for children born with anatomy that someone decided is not standard male or female. This is different from, for example, having a feeling that your identity is different from most women (or men). People with intersex conditions generally don't have to search for evidence that they are intersexed; the evidence is in their own bodies. For instance, women who do not have ovaries, men who don't have testes, women who have no clitoris or inner labia, people who remember multiple genital surgeries during childhood and scars in their genital area and abdomen, people who have ambiguous genitalia.⁶

Lidar com a intersexualidade não é algo que a sociedade deseja, pois um corpo que não se adequa aos padrões biológicos estabelecidos pelos saberes-poderes médicos deve ser remendado, reparado ou expurgado, caso não consiga harmonizar-se.

Muitas vezes, o sujeito intersexo é denominado pejorativamente de “hermafrodita”, ou seja, aquele que possui os dois órgãos sexuais conhecidos pênis e vagina. Este sujeito fica estigmatizado socialmente em razão de possuir um órgão diferente, não definido perfeitamente dentro dos modelos que se conhecem como corretos. Em síntese, os sexos biológicos masculino e feminino demandam uma nova ótica advinda da complexa rede de saberes e valores morais que permeia a sociedade e a cultura.

3. PAPÉIS/EXPRESSÃO/PERFORMANCE DE GÊNERO OU SEXUAL

O prisma eminentemente biológico incide sobre o corpo humano, excluindo a maneira múltipla de enxergar os sujeitos. Estes, além de estarem se relacionando dentro de uma biodiversidade, são provocados socialmente a reproduzir papéis, performances ou expressões de gênero, para atuar diante das demais pessoas e serem plenamente inseridos no cotidiano social. Os papéis são, portanto, a forma de funcionamento que o indivíduo assume ou a maneira como reage num momento específico, determinados pelo contexto e modificados com o ambiente, a idade e a cultura a que pertence (BRUNS, 2003).

A maneira pela qual a pessoa escolhe se expressar para se encaixar em determinado estereótipo preconcebido socialmente é o que se considera no recorte de nossa pesquisa como “papéis de gênero” ou “papéis sexuais”; “expressão de gênero” ou “expressão sexual”; ou ainda “performance de gênero” ou “performance sexual”. Os termos elencados serão aqui tratados como sinônimos, significando o modo como o sujeito se exprime, manifestando a sua identidade de gênero.

Ao expor a sua identidade sexual no meio social ao qual está inserido, o indivíduo estará apresentando o seu papel de gênero, através da fala e dos atos, utilizando o seu

⁶ ISNA está trabalhando para criar um mundo livre de vergonha, sigilo e cirurgias sexuais não desejadas para as crianças nascidas com anatomia, que alguém decidiu que é padrão masculino ou feminino. Isso é diferente de, por exemplo, ter a sensação de que a sua identidade é diferente da maioria das mulheres (ou homens). Pessoas com condições intersexuais geralmente não têm que procurar por evidências de que eles são intersexos; a prova está em seus próprios corpos. Por exemplo, as mulheres que não têm ovários, os homens que não têm testículos, as mulheres que não têm clitóris ou lábios internos, pessoas que se lembram de várias cirurgias genitais realizadas durante a infância e possuem cicatrizes em sua área genital e no abdômen, as pessoas que têm genitália ambígua (tradução nossa).

próprio corpo, desempenhando performance de gênero para se autoafirmar perante si e perante os outros.

É importante salientar que os papéis de gênero mais comuns e bem aceitos socialmente são o feminino e o masculino, por se basearem em discursos científicos sobre a anatomia corporal do ser humano. A Biologia é preponderante para orientar as performances de gênero balizadas pela sociedade, a qual impõe como corretos e ‘normais’ os papéis de homem e de mulher. Ou seja, a estrutura biológica sexual do indivíduo é o modelo-padrão que baseia a construção de todo o aparato dos papéis de gênero, reinantes no meio sociocultural da maioria das civilizações.

Outro ponto comumente questionado é quando se origina a execução do papel de gênero na vida do ente humano. Não se sabe ao certo a idade, ou o período exato da vida, porém, alguns autores sugerem que começa a ser percebida ainda na infância. Ronaldo Pamplona da Costa (1994) sugere que

O início do desempenho do papel de gênero, ou seja, do comportamento social, dá-se no momento em que o indivíduo se percebe como menino ou menina, que tem um pênis ou uma vagina, passando a ter uma identidade genital e um comportamento masculino ou feminino. (COSTA, 1994, p. 28).

Seguindo a premissa do autor, pode-se concluir, então, que a partir da autoanálise corporal da criança, haverá uma modificação em seus atos, tentando se encaixar no molde masculino ou feminino que lhe for ditado como o correto pelos familiares e pela escola. Entende-se, a partir desse olhar que, ao verificar e reconhecer no próprio corpo um órgão genital masculino, o infante tentará se comportar de acordo com as regras morais que lhe ditam ser de menino, ou, de menina, se encontrar em si mesmo um órgão genital feminino.

Porém, nem sempre ocorre desta forma e há crianças que passam a expressar-se de acordo também com o que pensam de si mesmas, de acordo com o que concebem como essência, fugindo assim da normatividade reinante. É o que acontece com os transgêneros e a-gêneros quando não se adequam ao que é doutrinado como o correto a ser seguido.

Sendo assim, o papel sexual é resultante de determinações biológicas sexuais consideradas natas e das questões de gênero, isto é, de fatores sociais apreendidos, representados, institucionalizados e transmitidos pela matriz da identidade (COSTA, 1994). Desse modo, ao interagir socialmente, o sujeito revela a sua identidade e o seu pensar sobre si através da performance de gênero. Por meio desta, ele utiliza o corpo e vários componentes como, por exemplo, a linguagem, as vestimentas, os trejeitos de agir para expor o juízo que tem de si aos outros.

Essas premissas apontam que o papel social de gênero nada mais é que

o comportamento do indivíduo frente às demais pessoas, à sociedade, é a ‘maneira feminina ou masculina de ser’. Esse papel é estabelecido pela cultura e pela época em que o indivíduo vive, traçando uma linha comum de comportamento entre homens e mulheres. A criança aprende como deve se relacionar com seu corpo e que atitude tomar em cada papel que estiver desempenhando. O papel de gênero é a base para o desenvolvimento de todos os demais papéis sociais. (SEIXAS, 1998, p. 248).

A partir dos discursos apresentados, evidencia-se que há uma ordem heterossexual compulsória exigindo que as práticas de todos os indivíduos se adequem às estruturas anatômicas e às normas de gênero masculino/feminino, ambas traçadas historicamente como corretas.

Essas normas de gênero aprisionam o sexo no sentido biológico, sufocando as performances, tentando obrigá-las a seguir paulatinamente todos os passos ditados, no decorrer do crescimento da criatura humana. Do nascer ao envelhecer, os corpos são submetidos às regras heterossexuais, estas legitimadas pelas ciências médico-jurídicas, detentoras de um saber-poder que atravessa várias instituições no meio social.

4. IDENTIDADE DE GÊNERO

Para compreender o sentido do termo ‘identidade de gênero’, se faz necessário, primeiramente, buscar o significado da palavra *identidade*. Etimologicamente, ela advém do latim *identitate*, que expressa “qualidade daquilo que é idêntico”, assim como um “conjunto de caracteres próprios de uma pessoa, tais como nome, profissão, sexo, impressões digitais, defeitos físicos, etc., o qual é considerado exclusivo dela e, conseqüentemente, considerado, quando ela precisa ser reconhecida”⁷.

Assim, cada sujeito possui a sua própria identidade, sua forma única de ser no mundo, apesar de ser semelhante a outros na estrutura corporal (possuindo o mesmo sexo biológico), na maneira de se comportar perante os demais (atuando com a mesma performance de gênero) ou no modo de desejar sexualmente o parceiro (exprimindo a sua orientação afetivo-sexual).

Ainda sobre identidade, são formulados outros conceitos semelhantes, como este a seguir:

O termo ‘identidade’ se refere à totalidade da pessoa e integra os componentes biológicos, psicológicos e sociais. A identidade biológica se dá pelo reconhecimento das diferenças anatômicas do sexo; a identidade social é definida pelo Registro de Nascimento, no momento em que é atribuído ao recém-nascido um nome masculino ou feminino, e pelos papéis que cada indivíduo desenvolverá durante a sua vida e a identidade psicológicas, enfim, é representada pelo eu psíquico. (VERDE; GRAZIOTTIN, 1997, p. 58).

A colocação supracitada revela que a identidade não está isolada no aspecto subjetivo. Existe a contribuição de alguns elementos que se mesclam para geri-la, para dar forma ao sujeito e transformá-lo em um ser único. Segundo a definição, este se totaliza por meio de ingredientes advindos das normas socioculturais, dos caracteres biológicos e da sua psique.

Stuart Hall (2005, p. 08) afirma que “o próprio conceito com o qual estamos lidando, ‘identidade’, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco

⁷ MICHAELIS, Dicionário. Editora Melhoramentos, 2009. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 29.06.2021.

compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova”. Portanto, para ele, o termo em análise sofre alterações conceituais em virtude das mudanças que ocorrem no mundo pós-moderno. A partir dessa avaliação, o sociólogo examinou três definições de identidade, quais sejam: a identidade do sujeito do Iluminismo; a identidade do sujeito sociológico; e a identidade do sujeito pós-moderno.

A identidade do sujeito do Iluminismo baseia-se

[...] numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado da capacidade de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou ‘idêntico’ a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade da pessoa. (HALL, 2005, p. 10-11).

A imutabilidade e a perpetuação são as características essenciais dessa identidade, sendo o sujeito do Iluminismo o centro de si mesmo, existindo de modo racional, em plena consciência de seus atos e autossuficiente. A capacidade cognitiva de se autoidentificar como sujeito de si, lhe confere uma identidade característica da época do Iluminismo, onde o poder concentrava-se na ciência, considerada como sinônimo de racionalidade. Desta forma, autoidentificar-se significava ser dono de si, ou seja, ser sensato e equilibrado consigo.

É importante destacar também que a racionalidade estava concentrada no sujeito masculino, enquanto que a sensibilidade era a característica eminentemente feminina. Ser sensível era fugir da racionalidade e acampar no mundo das emoções, do desequilíbrio e isso não poderia pertencer aos sujeitos do Iluminismo, que detinham a Razão como a Verdade Absoluta. O cientificismo iluminista não deveria ser desarrazoado, tomado por emoções.

A segunda definição de identidade que Stuart Hall apontou foi a do sujeito sociológico, que

[...] refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. [...] De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo entre os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2005, p. 11).

Nesse diapasão, o sujeito do Iluminismo que outrora não permitia sofrer interferências externas em sua identidade, agora já possui uma abertura ao social, à cultura e aos valores advindos do inter-relacionamento com outros sujeitos. Atuar socialmente é interferir na identidade dos outros e ser infiltrado pelas identidades alheias. Isso não quer dizer que o seu núcleo, o seu ‘Eu verdadeiro’ tenha perdido a essência de si, pois o sujeito permanece equilibrado, mas em contato com outras identidades, trocando ideias e valores culturais.

Há ainda, para Stuart Hall (1987 *apud* HALL, 2005), o sujeito denominado pós-moderno, considerado como não possuidor de uma identidade fixa, original ou perpétua. A identidade torna-se considerada como uma ‘celebração móvel’: formada e modificada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos cercam.

Dentro dessa ótica, o sujeito pós-moderno perde a essência da sua identidade, que outrora possuía como sujeito do Iluminismo e como sujeito sociológico, tornando-se totalmente mutável, moldável, de acordo com as relações que estabelece socioculturalmente. Neste novo olhar sobre o sujeito ora citado, o âmago desaparece, dando lugar à mutação, à metamorfose identitária.

Agora que se pautaram diversos conceitos acerca da palavra identidade, adentrar-se-á no sentido do termo ‘identidade de gênero’, tentando compreender o seu significado. Uma definição de Carlos Abib Cury (2012, p. 33) sobre o tema esclarece que “é a manifestação espontânea, seja no sentimento, ou na expressão de pertencer ao sexo feminino ou masculino, independente dos seus cromossomos”.

Isto é, a pessoa ao declarar a sua identidade de gênero, geralmente, deseja ser reconhecida socialmente como alguém pertencente a um dos gêneros impostos como o padrão correto, qual seja, masculino ou feminino. Ao se autodefinir dentro do sistema binário homem-mulher, o sujeito de maneira consciente ou inconsciente almeja não ser recriminado, querendo apenas que o fato de possuir um pênis ou uma vagina não seja o motivo primordial de aceitação ou não no meio social.

Associada à concepção binária da sexualidade, a identidade de gênero é entendida como o senso que o indivíduo tem de sua masculinidade ou feminilidade, desencadeando-se a partir da base anatômica do sexo (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 1997). É a percepção que o sujeito possui de si mesmo como homem, mulher, de gênero diferente desses ou de nenhum gênero, através de uma experiência pessoal, própria com o seu Eu e com o seu próprio corpo. É se reconhecer e se autoafirmar, tendo a consciência do pertencimento ou não ao binômio feminino-masculino.

O psicólogo Marcelo Toniette (2004) se pronuncia a respeito do tema, dispondo em relevo que

[...] utilizamos o termo **identidade de gênero** para se referir à construção das masculinidades e das feminilidades. Essa ideia se apoia no fato de que temos machos e fêmeas na espécie humana, sendo que a qualidade de ser homem e de ser mulher é condição construída socialmente. A construção dos gêneros está ancorada no sistema particular de valores culturais, a partir de um conjunto de práticas, formas simbólicas, representações, normas e valores sociais, que moldam o corpo humano e suas práticas em noções de masculinidade e feminilidade. (TONIETTE, 2004, p. 01, grifo do autor).

Em tal constatação, encontramos o núcleo essencial da identidade de gênero, qual seja a construção da noção de gênero criada por meio dos valores e práticas socioculturais. Sustentado pelas ideias do que seja feminino e masculino, assim como pelos hábitos

estabelecidos e exercidos através de uma pluralidade de pessoas, o conceito em análise é esculpido socialmente.

Afetado por uma multiplicidade de elementos históricos, culturais e simbólicos, o sentimento individual de identidade é emoldurado no pensamento do ser humano, sendo refletido em suas condutas e em seu próprio corpo. As atitudes e a maneira de lidar com sua própria estrutura corporal, transformam e fabricam os estereótipos conhecidos. Se alguém foge à regra, não seguindo o padrão de gênero legitimado, certamente poderá sofrer com estigmas, estereótipos e a coação social que impõe a heterossexualidade como padrão normativo, constituindo o sistema heteronormativo.

Em razão de serem pré-programados dentro do sistema heteronormativo desde a gênese de suas vidas, esses sujeitos não devem ser condenados de maneira plena como os algozes dos considerados 'diferentes'. Porém, por tal fato não se justifica a perpetuação do preconceito direcionado aos 'diferentes', pois a grande maioria dos seres humanos nasceu com a capacidade de pensar e de ponderar os hábitos que o permeiam. Em face de terem nascido com a habilidade de raciocinar, deveriam verificar que as pessoas são diferentes realmente e, por isso, possuem o direito de vivenciar e de serem reconhecidas em suas identidades de gênero ou de não possuírem uma identidade específica, como almejam os agêneros, de maneira individual e única.

Mesmo configurado com um órgão genital masculino ou feminino, a maioria dos sujeitos possui em si uma essência que se fixa e persiste em seus atos, em suas performances, em seu jeito de ser e de pensar no mundo. Tudo isso está inserido no que denominamos identidade de gênero. Há ainda aquelas pessoas que não possuem esse núcleo fixo dentro de si e não perpetuam em seus corpos algumas marcas de gênero específicas. Essas pessoas são denominadas como agêneros, sendo nômades na questão da identidade de gênero.

Ainda acerca do que fora proposto discutir nesse tópico, a psicóloga Ana Maria Ramos Seixas (1998) explana que

Identidade de gênero se determina por volta dos 04 anos, mas somente se evidencia por completo com o surgimento dos caracteres sexuais secundários na adolescência. É a sensação do indivíduo pertencer ao gênero masculino ou feminino [...]. (SEIXAS, 1998, p. 247).

Como se vê, a psicóloga tenta encontrar o período de eclosão da identidade de gênero no ser humano, pontuando que já na infância a pessoa demonstra possuir o senso de si mesmo e de pertencimento a um gênero. Para ela, há indícios de que nessa fase pueril da vida humana, habitam elementos sexuais primários que se destacam timidamente na criança, vindo a desabrocharem completamente no período púbere do existir humano.

As ciências psíquicas e médicas procuram fórmulas perfeitas para encaixar os indivíduos, traçando idades ou períodos da vida que possam hospedar definitivamente a identidade sexual das criaturas humanas. Neste viés, Rafael Kalaf Cossi (2011) também prescreve que

A identidade de gênero se expressa no indivíduo a partir da convicção que este tem quanto ao pertencimento a este ou aquele sexo. Tal convicção não é inata, mas adquirida – e precocemente: por volta dos dois ou três anos, o sentido de ser homem ou mulher já está estabelecido. (COSSI, 2011, p. 78).

Limitando o sujeito desde cedo, as referidas ciências corroboram com o padrão binário, fazendo das experiências pessoais uma patologia quando elas não se adequam ao molde de gênero justaposto. O discurso biomédico é de que as pessoas são transtornadas mentais por não conseguirem delimitar a identidade de gênero no sistema ramificado em duas vertentes: homem e mulher; macho e fêmea; masculino e feminino.

Esse sistema heteronormativo postula que a genitália é quem define o que o sujeito é, de maneira que este deve harmonizar o seu corpo com a sua identidade sexual, com sua sexualidade e ainda com a orientação afetivo-sexual ditada como ideal. Caso ocorra uma desarmonia de um desses aspectos com os demais, haverá uma sanção moral a ser aplicada para sanar o erro, seja através dos saberes-poderes médico-jurídicos ou da própria sociedade, por meio das instituições e dos seus membros.

Considera-se aqui que não existe fórmula certa para definir a identidade de gênero dos sujeitos, posto que estas classificações se originam de níveis intelectuais e discursivos, ou seja, do plano teórico. No âmbito da prática, tudo se modifica em razão da construção social de cada ser. Portanto, vários aspectos interferem na produção da identidade e esta passa a assumir diferentes vieses.

Freud (1905) já sustentava, em sua fase de pesquisas acerca da sexualidade, que é indispensável se deixar claro que os conceitos de “masculino” e “feminino”, cujo conteúdo parece tão confuso à opinião corriqueira, figuram entre os mais problemáticos da ciência. Deste modo, não nos ateremos de maneira profunda na averiguação dos referidos conceitos em sua inteireza, uma vez que nem mesmo as renomadas ciências encontram um denominador comum acerca do assunto.

5. ORIENTAÇÃO OU ATRAÇÃO AFETIVO-SEXUAL

O homem, tradicionalmente, é diferenciado dos animais por sua razão, sendo, inclusive, classificado no mundo medieval como *animal rationale* (BENTO, 2006, p. 121). Somada a essa diferença, a afetividade é outra característica existente que o separa da animalidade. A afetividade está presente na vida dos seres humanos e é uma marca que os diferenciam, pois entre os animais irracionais não se vislumbra a irradiação de emoções positivas - de modo tão cristalino - como na inter-relação dos *homo sapiens*. Adjetivar uma pessoa como afetuosa é traduzir atitudes como a bondade, a benevolência, a inclinação, a devoção, a proteção, o apego, a gratidão, a ternura, etc.⁸

O despertar da afetividade de um ser para com o outro aflora bem cedo, ainda na infância. São notórios os gestos de carinho de uma criança para com os seus familiares,

⁸ CORRÊA, Carlos Pinto. **O Afeto no Tempo**. Disponível em: <http://www.cbp.org.br>. Acesso em 29.06.2021.

assim como para colegas de escola, expressando delicadeza no olhar. Contudo, o despertar da afeição ao outro em forma de desejo sexual, ou seja, de modo que queira possuir o outro para realizar a cópula, normalmente só vem a acontecer no período da puberdade. É nesse período que os hormônios emergem de maneira descompassada, causando uma série de alterações físicas e psicológicas no indivíduo.

Destarte,

a orientação afetivo-sexual se constrói até por volta dos 05 anos, mas da qual o indivíduo tem consciência apenas na adolescência, a partir das modificações hormonais e consequente aumento do desejo sexual. É a sensação que o indivíduo tem de ser capaz de se relacionar amorosa ou sexualmente com alguém. O adolescente começa a perceber que suas emoções sexuais e sentimentos amorosos dirigem-se para alguém do sexo oposto, do mesmo sexo ou para pessoas de ambos os sexos. Essa consciência o revela, respectivamente, como heterossexual, homossexual ou bissexual, o que pode ser confirmado ou não mais tarde. (COSSI, 2011, p. 78).

O despertar dessa atração afetivo-sexual geralmente é tardia, intercorrendo entre a infância e a fase adulta, na estação mais turbulenta do ser humano, pois é nela que um torvelinho de hormônios altera o seu estado normal e proporciona a sensação de desejo de um ser pelo outro. É nesse estágio que a maioria das pessoas saem do mero campo afetivo e se estendem ao campo afetivo-sexual, direcionando a atração para outro ser de um modo mais profundo, envolvendo sexualmente os corpos.

O desejo sexual e afetivo pelo outro se apresenta como orientação sexual. Este desejo pode ser por pessoas do mesmo sexo, por pessoas de sexos opostos ou pelos dois (DINIZ, 2014). No caso, quando se menciona que são do mesmo sexo, imagina-se que esteja se referindo ao sexo biológico, ou seja, que são indivíduos que possuem os órgãos genitais semelhantes e se sentem atraídos sexualmente entre si. Este imaginário é dentro do sistema dicotômico que vigora, mas é bom frisar que existe uma diversidade de pessoas não adequadas nesse pensar.

Um ponto a se destacar é que nenhum sujeito elege a sua orientação sexual deliberadamente, como um livre arbítrio. Se assim fosse, provavelmente todas as pessoas que não se encaixam ou não se encaixaram na normativa heterossexual teriam optado pelo caminho menos doloroso e sem preconceitos, algumas evitando até serem violentadas e mortas por serem homossexuais, por exemplo.

Traçando uma pesquisa sobre a homossexualidade, Sigmund Freud (1905) registrou que

há homens cujo objeto sexual não é a mulher, mas o homem, e mulheres para quem não o homem, e sim a mulher, representa o objeto sexual. Diz-se dessas pessoas que são 'de sexo contrário', ou melhor, 'invertidas', e chama-se o fato de inversão. O número de tais pessoas é bastante considerável, embora haja dificuldade em apurá-lo com precisão. (FREUD, 1905, p. 129).

O perfil da orientação homoafetiva delineado por Freud notoriamente ocorreu dentro do binarismo homem-mulher, não contemplando assim a diversidade de pessoas fora do padrão concebido como o correto.

Também refletindo sobre a atração afetivo-sexual, o filósofo Arthur Schopenhauer (2000, p. 10) frisou que buscamos vivenciar o amor apenas para perpetuar a espécie, porém, seguindo um impulso biológico de maneira inconsciente, o qual ele denominou como “vontade de vida”. Para ele, “o que se vislumbra por trás de cada disputa amorosa, de cada esforço por união com o sexo oposto, é a Vontade de vida, cuja principal manifestação é exatamente a sexualidade”.

Antes mesmo de Freud, ele aludiu o fato dos humanos serem impulsionados biologicamente para a reprodução da espécie, de maneira instintiva. Neste viés, afirmou:

Pensa-se mesmo que o homem quase não tem instinto, quando muito apenas o do recém-nascido, que o faz procurar e agarrar o seio materno. Mas temos de fato um instinto bem determinado, nítido, complicado, a saber, o da escolha tão sutil, séria e obstinada do outro indivíduo para a satisfação sexual. Essa satisfação nela mesma, ou seja, na medida em que é um gozo sensual baseado numa necessidade imperiosa do indivíduo, nada tem a ver com a beleza ou a feiura do outro indivíduo. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 16).

No pensar de Schopenhauer (2000), a natureza utiliza os indivíduos como um meio e não como um fim, desejosa apenas de propagar a espécie, de reproduzi-la ao infinito, sem se preocupar com os anseios e emoções deles. Contudo, tal filosofia – originária de um momento histórico do século XIX, no qual a Biologia delimitava como finalidade precípua da sexualidade humana a procriação – não se coaduna com o que ocorre atualmente na prática, pois como poderia ele explicar as relações amorosas entre pessoas do mesmo sexo biológico? Se não há a reprodução da espécie entre dois sujeitos de igual sexo, por que a natureza teria implantado o instinto sexual em ambos?

Vale colocar em relevo que após a propagação da filosofia de Schopenhauer, Freud, já no século XX, lança seus questionamentos sobre ela, tentando visualizá-la por uma nova abordagem teórica. Destarte, observar os indivíduos somente pelo viés da concepção reprodutora e binária da sexualidade não é o melhor caminho à compreensão da orientação afetivo-sexual. Caso se prepondere tal pensar, muitas pessoas permanecem fora desse cômputo, sendo colocadas e sentindo-se à margem do que é considerado natural ou ‘normal’.

Não se pode perder de vista aqueles indivíduos que não se encaixam na heteronormatividade instituída, pois o respeito à diversidade é fundamental para a liberdade de expressão, escolha e afirmação da identidade de gênero das pessoas. A orientação afetivo-sexual se manifesta nas mais diferentes *personas*, de diversos modos, não seguindo o padrão homem-mulher que fora aplicado como o correto, desde a tenra infância.

Há cinco tipos de orientação afetivo-sexual que podem se manifestar nos sujeitos lembrando que este rol não é taxativo! , quais sejam: heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, assexualidade e plurissexualidade. Vejamos cada uma delas.

A heterossexualidade é a mais disseminada e aprovada socialmente, posto que se coaduna perfeitamente com o padrão binário homem-mulher, pênis-vagina, masculino-feminino, macho-fêmea, recorrente nos discursos científicos. Na visão heteronormativa,

aquela pessoa possuidora de um genuíno órgão genital masculino (pênis) que sentir desejo afetivo-sexual por outra pessoa de genuíno órgão genital feminino (vagina) será considerada heterossexual, portanto, uma pessoa 'normal'. A concepção de "genuíno" aparece em virtude de haver o preconceito em relação aos transexuais que realizaram cirurgias de redesignação de sexo vaginoplastia ou a faloplastia, não os aceitando como seres 'originais'.

Outro modelo de orientação sexual é o chamado homossexual. Este é rechaçado devido a não acomodação dentro do sistema binário supracitado. Uma vez que um sujeito sente desejo por outro e este possui sua genitália igual ao parceiro, é negada a autenticidade dessa relação e, com frequência, sofrerá discriminações. A homossexualidade foi considerada uma patologia pela Organização Mundial de Saúde, catalogada na Classificação Internacional de Doenças (CID), em 1977, sendo retirada somente em 1990. No entanto, no século XIX, ao analisar a homossexualidade, Sigmund Freud asseverou com convicção que

[...] os homossexuais não devem ser tratados como doentes, pois uma tal orientação não é uma doença. Isto nos obrigaria a qualificar como doentes um grande número de pensadores que admiramos justamente em razão de sua saúde mental [...]. Os homossexuais não são pessoas doentes. (FREUD, 1903 *apud* MENAHEN, 2003, p. 14).

Acerca da bissexualidade, Freud também a classifica como uma possibilidade de o sujeito expressar a orientação sexual, afirmando que é quando o objeto sexual pode pertencer tanto ao próprio sexo como ao sexo oposto (SAMPAIO; COELHO, 2011). Igualmente contestada, aquela pessoa que declara a sua atração sexual direcionada a ambos os gêneros padronizados homem e mulher, não é encarada como alguém 'normal'.

O ser bissexual, ao se sentir atraído pelos dois gêneros-padrão, será julgado socialmente como um alguém indeciso, inseguro e, conseqüentemente, diversas vezes será pressionado a se resolver, a "sair de cima do muro". Portanto, não é admitido que o ser humano seja ambíguo, deixando rastros de indeterminação e dúvida.

Há ainda um quarto tipo de orientação sexual, intitulada de assexualidade. Muito menos aceita que as demais anteriormente apontadas, esta modalidade é listada como algo *sui generis*, isto é, como um caso peculiar de atração entre pessoas de gêneros opostos ou não. É uma nova modalidade cunhada por pessoas que não sentem atração sexual.

A assexualidade caracteriza-se como a orientação sexual do indivíduo despossuído de desejo sexual por qualquer gênero. Em razão do sujeito não optar por ter essa condição, não deverá ser confundido com o celibatário, pois este escolhe viver com a ausência de cópula em função de um bem maior, a sua religião.

Na *homepage* da AVEN (Asexual Visibility and Education Network)⁹, existe uma definição da pessoa assexual, que diz "*An asexual person is a person who does not experience sexual attraction*" (Uma pessoa assexuada é uma pessoa que não sente atração sexual).

⁹ Disponível em: <<http://www.asexuality.org/home/>> Acesso em: 29.06.2021.

Ou seja, a pessoa que se autodefine assexual está afirmando que há um desinteresse em si para realizar atos sexuais. Não é um conceito totalmente definido, pois há várias nuances que diferenciam um assexuado de um outro.

Mauro Brigueiro (2013) relata que tem encontrado depoimentos que

[...] enfatizam experiências de pessoas que nunca se sentiram interessadas por outra em um sentido sexual, ou que o experimentaram apenas em uma etapa da vida e depois não voltaram a senti-lo; outras expressam sentir habitualmente interesse de tipo romântico, sem qualquer conotação que se entenda como sexual, mas há quem não se interesse por relacionamentos românticos em absoluto; alguns tentaram experimentar contatos sexuais, outros o praticam regularmente, sem um desejo especial, e há também os que relatam jamais terem feito sexo. (BRIGUEIRO, 2013, p. 264).

Através de tais declarações, nota-se que o que prepondera é a ausência de desejo sexual nas pessoas assexuadas. É uma nova maneira de conceber a orientação afetivo-sexual dos sujeitos, porém, ainda não é aceita socialmente de forma plena, posto que predomina a ideia de que os seres humanos são biologicamente preparados para realizarem atos sexuais. Nesta ótica, o sujeito que não desenvolve atração afetivo-sexual por outra pessoa, normalmente não será considerado como alguém sadio ou em pleno gozo de sua sanidade mental.

Por se tratar de algo visualizado de modo incomum, não é muito citada esta modalidade nas discussões sobre orientação afetivo-sexual, restringindo-se os debates apenas às três primeiras mencionadas. Em relação a essas três modalidades, o enunciado de Paulo Roberto Ceccarelli (2008, p. 86) conclui que

as singularidades das manifestações da sexualidade em suas vertentes homo, hétero ou bi – é construída desde os primeiros dias de vida e traz, em sua essência, as marcas do imaginário sexual da sociedade na qual a criança encontra-se inserida. (CECCARELLI, 2008, p. 86).

Há de se destacar, porém, que já se considera também a pansexualidade também denominada “polissexualidade”, “plurissexualidade” ou “multissexualidade” isto é, a orientação afetivo-sexual do sujeito que se atrai sexualmente por outro de qualquer gênero ou de nenhum gênero, estejam ambos inseridos ou não no padrão binário homem-mulher.

O conceito de pansexualidade nasceu no início do século XX, por volta de 1920, com as críticas à, então assim denominada em seu escopo, “teoria pansexualista de Freud”, significando “pansexualismo” uma teoria que reduziria toda explicação de motivações humanas aos instintos sexuais. Posteriormente, em meados do mesmo século, houve um apagamento discursivo da noção, visto que Alfred Kinsey publicou sua tabela para se medir a sexualidade humana, criando, então, o conceito de bissexualidade, que encerrava toda necessidade de conhecimento acerca do tema. Depois, em 1960, com a chamada Revolução Sexual, o advento hippie e Woodstock, voltou-se a falar em uma forma de “amor livre”, o qual dispensaria rótulos. Algumas celebridades da época, como o cantor Serguei, se declaravam pansexuais exatamente por se encaixarem nesse grupo. Dessa forma, resignificava-se o termo. Finalmente, nos dias de hoje, encontram-se, cada vez mais, jovens dispensando rótulos ou evocando noções de

pansexualidade para se definir sexualmente. Com esses enunciados pós-modernos, pôde-se apreender que a pansexualidade se caracteriza discursivamente por um rompimento com o binário masculino/feminino da bissexualidade, partindo do tradicional branco-e-preto até um espectro de cores infindável, tendendo ao infinito, no que se trata de gêneros. (MEDEIROS, 2014, p. 03).

Sob a análise histórica do conceito ‘pansexualidade’, verifica-se que é recente o termo, com pouco menos de um século de existência, assim como pouco discutido em pesquisas e eventos acadêmicos. O que demonstra que cientificamente ainda não despertaram para o debate e para a desconstrução do prejulgamento do termo.

No mundo virtual mais especificamente no site do *YouTube* existe um Canal chamado “Canal das *Bee*”, bastante conhecido e visualizado por milhares de pessoas, no qual se exploram assuntos diversos, relacionados ao universo LGBTQIAP+. Nele, encontra-se um vídeo específico que trata da pansexualidade¹⁰, explorando o assunto e desmistificando a palavra. Lá, explica-se que o pansexual sente desejo por pessoas independentemente de gênero. O que importa é atrair-se por um ser humano, vislumbrando a sua essência e não a sua identidade de gênero.

Obviamente, o indivíduo não será bem quisto socialmente por se autodefinir como pansexual, ou seja, por fugir ao sistema heretonormativo arbitrário. Assim como aqueles que se autodenominam assexuais, bissexuais ou homossexuais, os polissexuais igualmente não serão classificados como pessoas ‘normais’.

Aclaradas as diferenças, finalizamos com o argumento de Paulo Roberto Ceccarelli (2008) acerca do tema proposto, ponderando que

[...] conhecer a ‘orientação sexual’ de alguém em nada nos informa sobre sua saúde, maturidade ou imaturidade psíquica, e, muito menos, sobre seus conflitos internos. A maneira como cada um vive sua sexualidade é, sem dúvida, parte importante de sua identidade subjetiva, ou, se preferirmos, de sua personalidade, mas não a define. O que somos, o que cada um é, vai muito além de sua prática sexual. (CECCARELLI, 2008, p. 82).

Por consequência, faz-se necessário respeitar a sexualidade do outro, ampliando o olhar sobre a diversidade, evitando subjugar os indivíduos e os fatores que estão envolvidos em suas existências. A personalidade de cada ser é repleta de elementos multiformes, portanto, não dá para observá-la a partir de um único prisma.

CONCLUSÃO

A partir do debate apresentado, apreende-se que a individualidade de cada ser não poder ser traçada, única e exclusivamente, em função de apenas um fator ou apenas em função dos desejos sexuais dos sujeitos. A personalidade de cada indivíduo se sustenta em

¹⁰ CANAL DAS BEE. Pansexualidade: Pergunte Às Bee 48. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nHIL3tqM0rM>> Acesso em: 29.06.2021.

diversos aspectos vivenciados, em diferentes circunstâncias e não só pela sua atração afeti-vo-sexual. Resumir a identidade de uma pessoa, alicerçando-a somente nas suas práticas que envolvem o sexo, é abreviar o leque de características que o circunda e o constitui.

A força motriz que impulsiona o indivíduo na sua sexualidade não é regida apenas pela orientação sexual ou somente pelo sexo biológico. Estas são apenas algumas das rédeas envolvidas, porém, além delas, observam-se as diferenças de identidades de gênero, dos papéis sexuais vivenciados pelos sujeitos, entre outras. A interferência de todos esses fatores citados modifica o processo de construção dos indivíduos e faz com que cada ser humano seja único no mundo.

REFERÊNCIAS

- ASEXUAL VISIBILITY AND EDUCATION NETWORK (AVEN). Disponível em: <http://www.asexuality.org/home/>. Acesso em: 29 jun. 2021.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRIGUEIRO, Mauro Martins Costa. **A emergência da assexualidade**: notas sobre política sexual, ethos científico e o desinteresse pelo sexo. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, v. 14, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 29 jun. 2021.
- BRUNS, Maria Alves de Toledo. **Vivência transexual**: O corpo desvela seu drama. Col. Sexualidade & Vida. São Paulo: Átomo, 2003.
- CANAL DAS BEE. **Pansexualidade**: Pergunte às Bee 48. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nHIL3tqM0rM>. Acesso em: 29 jun. 2021.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. **A invenção da homossexualidade**. 2008. Disponível em: www.periodicos.ufrn.br. Acesso em: 29 jun. 2021.
- CORRÊA, Carlos Pinto. **O Afeto no Tempo**. Disponível em: <http://www.cbp.org.br>. Acesso em: 29 jun. 2021.
- COSSI, Rafael Kalaf. **Corpo em obra**: contribuições para a clínica psicanalítica do transexualismo. São Paulo: nVersos, 2011.
- COSTA, Ronaldo Pamplona da. **Os onze sexos**: as múltiplas faces da sexualidade humana. São Paulo: Gente, 1994.
- CURY, Carlos Abib. **Transexualidade**: da mitologia à cirurgia. São Paulo: Iglu, 2012.
- DINIZ, Maíra Coraci. **Direito à não discriminação**: travestilidade e transexualidade. 1. ed. São Paulo: Estúdio Editores.com, 2014. (Coleção para entender direito).
- FREUD, Sigmund. **Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução: Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

INTERSEX SOCIETY OF NORTH AMERICA. **How do I know if I have an intersex condition?** Disponível em: <http://www.isna.org/faq/conditions/know>. Acesso em: 29 jun. 2021.

KAPLAN, Harold.I.; SADOCK, Benjamin J.; GREBB, Jack. A. **Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica**. Tradução de Dayse Batista. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MEDEIROS, Raphael Carlos Cesar. **A resignificação do discurso pansexual: o jogo do também**. 2014. Universidade Estadual de Maringá, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em: <http://www.eaic.uem.br/>. Acesso em: 29 jun. 2021.

MENACHEM, Ruth. **Désorientations sexuelles: Freud et l'homosexualité**. Revue Française de Psychanalyse. v. 67, n. 1, jan. 2003.

MICHAELIS, Dicionário. Editora Melhoramentos. 2009. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 29 jun. 2021.

MONEY, John; TUCKER, Patrícia. **Os papéis sexuais**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MOUAMMAR, Christiane Carrijo Eckhardt. A importância da definição freudiana do conceito de pulsão sexual para a compreensão do conceito de sexualidade humana. **Revista AdVerbum**, v. 5, n. 2, ago./dez. 2010. Disponível em: <http://www.psicanalisefilosofia.com.br>. Acesso em: 29 jun. 2021.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD (OPS); ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD (OMS). **Promoción de la salud sexual:** Recomendaciones para la acción. Antigua Guatemala, Guatemala: 2000. Disponível em: <http://www1.paho.org>. Acesso em 29 jun. 2021.

SAMPAIO, Liliana Lopes Pedral; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. **Corpo e Identidade das pessoas transexuais.** 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br>. Acesso em: 29 jun. 2021.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do amor, metafísica da morte.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SEIXAS, Ana Maria Ramos. **Sexualidade feminina:** história, cultura, família, personalidade & psicodrama. São Paulo: SENAC, 1998.

TONIETTE, Marcelo A. Sexualidade...ou sexualidades? **Boletim Informativo CEPCoS – Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade**, São Paulo, ano X, n.3, p.1, mar. 2004.

VERDE, Jole Baldaro; GRAZIOTTIN, Alessandra. **Transexualismo:** o enigma da identidade. São Paulo: Paulus, 1997.